

Influências Amazônicas no Nordeste

A memória de Wanderley Normando

EIDORFE MOREIRA

São tão grandes e ostensivas as influências do Nordeste na Amazônia, sobretudo durante a fase áurea da borracha — fins do século passado e início do atual — que não temos prestado a devida atenção para a recíproca que houve por esse tempo no caso, recíproca em escala incomparavelmente menor, é certo, mas que nem por isso deixou de ser variada e marcante. E no entanto, pelo simples fato de haver convertido a Amazônia num centro de gravitação econômica, a borracha criou-lhe reflexamente, como era natural, uma zona efetiva de influência, onde se fez sentir a sua poderosa ação gravitacional.

Realmente, jamais a valorização de um produto regional teve tão amplas e profundas repercussões dentro e fora da área amazônica, como aconteceu com esse produto. Com ele a região tornou-se de pronto um vasto e ativo mercado de trabalho e uma miragem econômica, projetando-se em termos de impacto não só no âmbito nacional como no exterior. Antes disso a fama da região era meramente geográfica, devido à riqueza da sua flora e da sua fama ou à pujança dos seus rios; com a goma elástica, ela adquiriu celebridade noutra plano e noutra sentido.

Essa maré-montante da economia regional como que restaurou o mito do Eldorado nos quadros amazônicos, não sendo poucos os que a comparam ao *rush* californiano, ainda que o “ouro” no caso fosse outro. “Repetia-se na Amazônia o espetáculo estonteante da Califórnia dos dias de Hans Suter” — diz Viana Moog. (*O Ciclo do Ouro Negro*, Livraria do Globo, Porto Alegre, 1936, p. 25.) Sem deixar de ser o “paraíso dos naturalistas”, a Amazônia se tornara um turbilhonante centro de polarização econômica.

A borracha era então a primeira riqueza extrativa do País e o seu segundo produto econômico, depois do café. Mas em termos de relações interregionais, para não dizer em termos de integração nacional, ela era mais importante do que o próprio artigo sulino. Daí a tese de Castro Meneses, que José Veríssimo divulga e defende em *Interesses da Amazônia*, de que a borracha tinha maior importância e influência na economia brasileira do que o café. (*Estudos Amazônicos*, Universidade Federal do Pará, 1970, p. 241.)

Muito se tem escrito sobre essa fase de prosperidade regional, com base no *boom* da borracha, porém mais em termos de relato ou informação do que em caráter, análise e pesquisa. Conquanto seja abundante a bibliografia sobre o assunto, ainda é pobre em relação a certos aspectos ou repercussões do *boom*, sobretudo no que respeita aos reflexos extra-regionais do mesmo, reflexos que representam no caso influências amazônicas noutras áreas. Sabemos, por exemplo, de algumas influências amazônicas no Nordeste, em função do *boom*, mas apenas em seus aspectos superficiais, ficando-nos alheios outros planos e aspectos dessas influências. No entanto, com a borracha, a Amazônia passou a influir no Nordeste sob várias formas e sentidos: demográfico, social, econômico, linguístico e até literário. E isto porque:

a) demograficamente, motivou um intenso movimento migratório, o maior até então havido naquela região;

b) socialmente, propiciou o aparecimento de novos tipos, enriquecendo assim a paisagem humana e ativando a mobilidade social;

c) economicamente, concorreu para a prosperidade regional e intensificação do comércio entre as duas regiões;

d) lingüisticamente, favoreceu a adoção de “amazonismos” no falar nordestino, uns até com implicações folclóricas;

e) literariamente, inspirou um ciclo de obras de ficção com motivos ou cenários amazônicos, paralelo ao ciclo das secas.

A primeira influência a considerar no caso é a demográfica, pois determinou todas as outras. Nenhuma região atuou mais intensamente como centro de atração migratória no Brasil por essa época do que a Amazônia, sendo que, em relação ao Nordeste, essa atração se processou em termos de *rush*, pelo menos no Ceará, que foi o Estado onde mais se fez sentir essa influência.

Nada mais expressivo neste sentido do que o romance-documentário *O Paroara*, de Rodolfo Teófilo, onde se acham fixadas cenas do intenso fluxo migratório que o romancista presenciou então em Fortaleza. Os navios que demandavam o Norte não davam vazão às levas de emigrantes que se acumulavam na capital cearense, transformando a paisagem urbana, e um dos efeitos mais sensíveis dessa transformação foi a proliferação de “freges”, como frisa o romancista ao descrevê-los. (*O Paroara*, Editor — Louis C. Cholowiecki, Ceará, 1899, 4.º milheiro, pp. 235/6.)

A valorização da borracha e a rarefação demográfica fizeram com que a Amazônia atuasse no caso como força de sucção. É certo que as secas, como pressão interna, influíram igualmente no *rush*, mas essa pressão interna, de caráter intermitente, foi suplantada depois pela ação efetiva da atração gomífera, uma vez que a Amazônia passou a atuar simultaneamente como mercado de trabalho e como miragem econômica. O sentido ideológico do romance de Rodolfo Teófilo — a sua “tese”, melhor diríamos — consiste precisamente em combater esta supremacia da gravitação amazônica no espírito dos nordestinos, que emigravam mesmo quando não havia secas, deixando o torrão natal movidos por mera ambição de ganho. “Nem o benfazejo inverno havia, com as suas promessas de abastança, arrefecido a febre de emigração e dimi-

nuído a caudal do êxodo” — diz o romancista. (Obra citada, p. 479.)

Pelos grandes sacrifícios que exigia do emigrante, não só quanto à viagem mas também quanto à adaptação à selvaticidade do novo meio, esta foi sem dúvida a mais épica e grandiosa das migrações internas ocorridas em nosso País, da Independência para cá, e não só isso como a mais importante sob o ponto de vista geopolítico, pois através dela conquistamos as terras acreanas, o que importa em dizer que a borracha deu-nos o Acre, e o Acre, nos seus primórdios, não foi senão uma extrapolação do Nordeste na Amazônia, demograficamente falando.

Não se julgue, porém, que só a borracha representasse essa gravitação. Também os governos do Pará e do Amazonas se interessaram pela gente nordestina quando trataram de colonizar as vastas disponibilidades de terras de seus Estados. Várias colônias agrícolas foram criadas com esse fim, principalmente na zona bragantina, onde por isso mesmo ocorreu outra importante extrapolação do Nordeste na Amazônia. Nas 14 colônias então criadas nessa zona, o índice de nordestinos era incomparavelmente superior ao dos demais colonos, convido notar que a tradição agrícola dessa zona foi iniciada por eles. Tanto predominavam nos seringais do Acre, como nos núcleos bragantinos.

Por outro lado, quando se fala em “nordestino” na Amazônia, o termo evoca naturalmente o cearense, pois foi este o mais numeroso, o mais típico e expressivo representante do Nordeste no Extremo-Norte, principalmente como manifestação de espírito pioneiro. Craveiro Costa sintetiza bem esse pioneirismo nos seguintes termos:

“O sucesso dos primeiros cearenses que se internaram e puderam regressar prósperos ou se firmaram na região como proprietários eventuais de latifúndios borrachíferos, seduziu os demais filhos do Nordeste. Outros povoadores vieram do Piauí, do Maranhão, do Rio Grande do Norte, da Paraíba, de Alagoas, de Pernambuco trabalhar a floresta amazonense, sem se aperceberem da conquista que faziam e da cobiça que despertavam. Mas, nas grandes investidas da civilização amazô-

nica, o cearense foi sempre o elemento preponderante.” (*A Conquista do Deserto Ocidental*. Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1940, p. 104 — *Brasiliiana*, Vol. 191.)

Mas a Amazônia não atraiu somente sertanejos e gente do povo, senão que homens cultos também; a par da migração da massa, houve uma migração erudita. “Fazer Amazônia” foi moda durante muito tempo entre intelectuais nordestinos, que se ufanavam até mesmo dessa “fase amazônica” da sua vida. Farias Brito, Domingos Olímpio, Pápi Junior, Justiniano de Serpa, Carlos Dias Fernandes, Quintino Cunha e tantos outros são exemplos disso, sem falar nos que se fixaram definitivamente aqui.

A migração nordestina se regia quase que exclusivamente pelo quadrante amazônico, pois esse quadrante significava ao mesmo tempo refúgio contra as secas, mercado de trabalho e campo de aventura. Talvez por isso, Gustavo Barroso faz um dos seus personagens dizer: “Que seria do nosso Ceará, se não fosse o Amazonas?” (*Mississipi*, Edições *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, 1961, p. 25.)

Também, sob o ponto de vista social, vamos encontrar reflexos sensíveis da presença amazônica no Nordeste por esse tempo. A valorização da borracha fez surgir dois novos tipos na paisagem humana da região, tipos que, embora distintos, se confundiam por vezes sob uma aparência comum. O “agenciador de seringueiros” e o “paroara” — tais foram esses tipos, de grande voga na época.

O agenciador era o preposto do seringal que ia ao Nordeste aliciar trabalhadores para a extração da borracha. Conversador e bem vestido, como convinha ao *metier*, dava-se às vezes a certa ostentação de traje, como o Balbino que vem descrito nas páginas iniciais de *A Selva*, de Ferreira de Castro. Sua missão era contratar trabalhadores, adiantar-lhes dinheiro e acompanhá-los na viagem aos seringais, convindo notar que o próprio seringalista exercia às vezes esse papel.

Os agenciadores de seringueiros foram os grandes propagandistas da Amazônia no Nordeste. Ninguém concorreu mais do que eles para desfazer a má fama que a região tinha lá fora sob o ponto de vista ecológico e sanitário. “Maior apo-

teose não se podia fazer a uma terra” — diz Rodolfo Teófilo, ao fixar no seu romance a exaltação da Amazônia feita por um desses operosos ufanistas profissionais da região. (*O Paroara*, p. 203.) Além disso, ao contrário das secas, que causavam uma emigração maciça e indiscriminada, eles fomentavam uma emigração de certa forma organizada e selecionada, emigração sob todos os títulos mais interessante para a Amazônia.

Outro tipo nordestino criado pela valorização da borracha foi o “paroara”, forma contracta de “paruara”, termo amazônico, indicativo de naturalidade, mas que no Nordeste designava o natural de lá que emigrava para a Amazônia e regressava depois ao torrão natal, quando não em situação próspera pelo menos com fama ou presunção disso. Corresponhia no Nordeste ao “brasileiro” de Portugal. Roupa de boa qualidade, chapéu do Chile, correntão de ouro e guarda-chuva eram as suas características convencionais.

O paroara podia ser também agenciador de seringueiros, como José Simão, personagem do romance de Rodolfo Teófilo. Conceitualmente, eram dois tipos distintos, mas que podiam coincidir na mesma pessoa, não tendo razão portanto Leonardo Mota quando, contraditando Afonso Taunay, negava essa coincidência ou possibilidade de equivalência, por entender que o termo “paroara” se aplicava exclusivamente ao “nordestino recém-chegado da Amazônia, onde tinha vivido algum tempo”. (*Sertão Alegre*, Imprensa Oficial de Minas, Belo Horizonte, 1928, p. 269.)

A prosperidade dava-lhe prestígio e facilitava-lhe a ascensão social, ainda que com freqüência fosse ridicularizado, como todo *nouveau-riche*. Sob certos aspectos, o paroara foi o tipo mais interessante do Nordeste por essa época, a começar pela mobilidade social que suscitou, inclusive atenuando certos preconceitos em relação a casamento, como salienta Mário Guedes no seu clássico livro sobre a economia gomífera. (*Os Seringais*, Tip. de Martins de Araujo & C., Rio de Janeiro, 1914, p. 196.) Modestos e rudes sertanejos, e até antigos “cabras”, enriquecidos na Amazônia puderam ascender assim na escala social.

Por estes e outros motivos, os agenciadores de seringueiros e os paraaras constituíram presenças marcantes da Amazônia no Nordeste. Social e economicamente, eles foram os traços de união entre as duas regiões. Em termos de integração nacional, eles atuaram num sentido mais positivo do que aqueles que retomaram posteriormente o seu papel no movimento migratório nordestino para o sul do País.

Outra influência importante da Amazônia no Nordeste foi de natureza econômica. Assim como concorreu para avolumar o fluxo migratório nordestino, a borracha concorreu também, graças aos efeitos reflexos dessa migração, para elevar o padrão de vida daquela região. O Nordeste atravessou então uma situação semelhante à que ocorrera por ocasião da Guerra de Secessão nos Estados Unidos. Com a guerra, o algodão nordestino se valorizou consideravelmente, ocasionando a melhoria das condições econômicas da região. Rodolfo Teófilo assinala muito bem isso no seu livro sobre a situação política que combateu.

“O Ceará progredia — diz ele — não influenciado pelo seu administrador, mas devido a alguns anos de estações regulares e sobretudo à grande alta da borracha no Amazonas, que derramou rios de dinheiro no Estado. Em 1910, quando a borracha chegou a dar 16\$000 por quilo, entraram para aqui cerca de trinta mil contos! Houve uma verdadeira plethora de dinheiro. Essa grande soma parece fábula e no entanto não é. Os bancos, as casas capitalistas e o Correio estão aí para provar essa inundação de numerário.

“Em Fortaleza tudo se valorizou. As casas subiram de preço e o comércio teve grandes lucros.

“Os *paraaras* tudo compravam sem regatear o preço.

“Essa movimentação do comércio em Fortaleza fez-me lembrar a alta do algodão em 1868 durante a guerra civil dos Estados Unidos. No Ceará correram então rios de dinheiro, não vindo da Amazônia, pois nesse tempo o cearense não sabia o caminho daquela opulenta e insalubre terra.” (*Libertação do Ceará*, Tipografia “A Editora Limitada”, Lisboa, 1914, p. 42.)

Não só as transferências de numerário realizadas pelos seringueiros e seringalistas nordestinos, como a expansão do comércio entre as duas regiões, expansão tanto em termos de volume como de valores, concorreram consideravelmente para isso. Foi por essa época que se tornaram mais conhecidos e aceitos no Nordeste certos produtos amazônicos, como madeiras, peles e sobretudo pirarucu salgado, convindo notar, no entanto, que a criação desse peixe nos açudes nordestinos só foi tentada muitos anos depois, graças ao Serviço Nacional de Piscicultura.

Por outro lado, as condições do mercado amazônico eram por esse tempo altamente favoráveis às exportações nordestinas, a começar porque, havendo a borracha afetado a nossa produção agrícola, passamos a nos suprir da produção de outras regiões neste particular. Cereais, rapaduras, redes, muares etc., eis alguns exemplos do que então o Nordeste nos mandava em grande quantidade. Pelo menos em relação a alguns Estados daquela região, tanto as exportações como as importações nordestinas estavam por essa época em função do mercado amazônico.

Mesmo quando a atração sulina suplantou a atração amazônica, e o Nordeste passou a gravitar no novo campo de polarização, esse interesse pela Amazônia não se relaxou de pronto. Economicamente, jamais houve em nosso País vinculação interregional tão forte como neste caso, tanto mais quanto não se tratava de uma vinculação meramente conjuntural, porquanto motivos e interesses de outra natureza a sustentavam.

É interessante assinalar como até mesmo no campo lotérico chegamos a ter projeção naquela região. Os bilhetes da Loteria do Pará eram então muito disputados por lá, e por isso mesmo freqüentemente apregoados nas ruas de algumas capitais nordestinas, sobretudo em Fortaleza, e um flagrante exemplo literário disso nos dá Adolfo Caminha no seguinte trecho de *A Normalista*:

“A praça permanecia numa quietação abençoada, com os seus renques de mungubeiras muito sombrias, verde-escuras e eternamente frescas, a desafiar, frente a frente, a pujança

outonal dos cajueiros em flor que os liceístas castigavam a pedradas. Meninos apregoavam numa voz clara e vibrante:

— Loteria do Pará, 30 contos!

“O edifício da Escola Normal, a um canto do quadrilátero, pintadinho de fresco, cinzento, com as janelas abertas à claridade forte do dia, tinha o aspecto alegre duma casa de noivos acabada de cair-se.”

Guardadas as devidas proporções, 30 contos seriam na época o que hoje será um *sweepstake* ou um “bolão” da Loteria Esportiva, de modo que a Amazônia projetava no Nordeste mais esta forma de atração. Pelo que realmente era e pelo que prometia, ela como que se tornara uma imensa cornucópia voltada para aquela região. E que imagem mais expressiva, simbolicamente falando, para figurar o fascínio que a Amazônia então exercia sobre a alma nordestina?

Embora menos sensíveis, houve também influências lingüísticas da Amazônia no Nordeste. Conquanto mais fracas e limitadas, nem por isso elas deixaram de ser interessantes. Essas influências se fizeram sentir mais no vocabulário, pois vários “amazonismos” se difundiram lá, e alguns ainda hoje persistem, embora outros tenham caído em desuso. Alguns desses amazonismos se impuseram facilmente, uma vez que não havia correspondência para eles no Nordeste; outros, porém, tinham similares nordestinos, ao lado dos quais passaram a vigorar, ora integrados no falar comum, ora limitados a certas zonas, ou quando não isso, a determinadas camadas sociais.

Encontramos registro desses termos em vários autores nordestinos, que às vezes salientam a sua origem amazônica, outras vezes não. No glossário de Florival Seraine, por exemplo, de termos populares colhidos no Ceará (*Dicionário de Termos Populares*, Organização Simões Editora, Rio, 1958), encontram-se registrados os seguintes termos de origem amazônica, embora o autor nem sempre faça referência expressa a essa origem: acapu, bubuiar, caba (maribondo), carachué (no sentido pejorativo), chibé, jiquiranabóia, macacaúba, mucura, muriçoca, mururé, mutuca, panema, paroara, piaçava, pirarucu, pium, timbó, tucupi, uacima.

Expressamente, o autor declara a origem amazônica de alguns desses termos, como por exemplo mucura e tucupi; de outros, porém, nada nos diz, como no caso de chibé, do qual registra apenas a variante quibebe. No entanto, com a sua reconhecida autoridade, Câmara Cascudo destaca o termo, que ele grafa xibé, como amazonismo correspondente a jacuba. (*História da Alimentação no Brasil*, Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1968, vol. II, p. 429.)

É curioso como os regionalismos mais típicos e expressivos da Amazônia, como pororoca, terra caída, várzea, friagem etc. não se refletiram no Nordeste. O próprio termo “borracha” conservou lá seu sentido vernáculo tradicional, de odre de couro. Convém notar também que alguns regionalismos amazônicos tomaram lá um sentido diferente do usual aqui, como aconteceu com “mururé”, conhecido lá exclusivamente como xarope e não como vegetação flutuante.

Alguns desses amazonismos têm conotação folclórica, como por exemplo “jaquiranabóia”, mais conhecido lá por “jiquiranabóia” ou “tiranabóia”, inseto temido na Amazônia por causa das abusões a seu respeito, e abusões que os nordestinos emigrados propagaram por sua vez por lá, como assinala Câmara Cascudo. (*Dicionário do Folclore Brasileiro*, Instituto Nacional do Livro, Rio de Janeiro, 2.^a edição, 1962, verbete respectivo.) O mesmo aconteceu com “mãe da seringueira”, crendice amazônica que o insigne folclorista também registra no seu dicionário.

E por falar em folclore, convém lembrar o “prestígio” que o conhecido banho de cheiro amazônico gozava e ainda goza no Nordeste, conforme atesta o mesmo folclorista. Num dos seus estudos a respeito, ele ouviu a informação de que “em Belém do Pará o banho de cheiro tinha os *preparos* verdadeiros”, e no Pará, observa mais adiante o folclorista, “a riqueza da flora permite uma amplitude surpreendente aos banhos de cheiro”. (*Folclore do Brasil*, Editora Fundo de Cultura, Brasil/Portugal, 1967, pp. 197/8.)

Quando João das Neves, principal personagem de *O Paroara*, naufragou no Purus, ao regressar à terra natal, seu

primeiro cuidado foi salvar a sacola onde guardava as amostras e lembranças do fabulário amazônico, entre as quais um precioso irapuru embalsamado (pp. 427). Eis uma cena expressiva, em termos literários, de uma outra forma de sedução que a Amazônia exerceu também sobre os nordestinos que para cá vieram, e à qual ficaram cativos ao remigrarem.

Assinalemos, por fim, que há também uma presença literária da Amazônia no Nordeste, uma vez que ela figura como motivo ou como cenário em várias obras de ficção da literatura nordestina. Num certo sentido, essas obras nos levam a admitir a existência de um “ciclo amazônico” nessa literatura, independente do “ciclo das secas”, embora originariamente ligado a ele.

Esse “ciclo amazônico” iniciou-se com *O Paroara*, de Rodolfo Teófilo, romance-documentário, mas com evidente sentido polêmico, qual seja o de combater a “febre de emigração” que então dominava o Ceará, independente da contingência natural das secas. Essa nota polêmica culmina na cena final, onde João das Neves, o principal personagem, aparece arruinado e só, consumido pelo remorso e pelas febres palustres, pelo remorso por haver abandonado a família, que não mais existia, e pelas febres que o faziam arder e delirar, e o paludismo — sublinha o romancista — “foi o único provento que tirara do Amazonas e que o flagelaria o resto da vida...”

Ao contrário de Rodolfo Teófilo, que não esteve na Amazônia, Domingos Olímpio labutou durante muitos anos na região, que lhe inspirou uma das melhores produções literárias, infelizmente não compreendida em livro. Trata-se de *Virapuru*, novela de costumes paraenses, da qual foram publicados vários capítulos em *Os Anais*, revista que o autor fundou e dirigiu no Rio de Janeiro no período de 1904 a 1906. Sob o ponto de vista estilístico, é considerada obra superior a *Luzia-Homem*, embora a consagração literária do autor esteja em função deste romance.

Como Domingos Olímpio, Pápi Júnior também esteve na Amazônia, e dessa vivência amazônica resultou *Sem Crime*,

editado em São Paulo, em 1920. Ao contrário dos anteriores, é um romance citadino, tendo por cenário a capital paraense. Uma das boas cenas que encontramos aí é a descrição do Círio. Além de citadino, é romance de filiação simbolista, o que lhe empresta uma feição especial dentro do mencionado ciclo.

Deserdados, de Carlos de Vasconcelos, é outro romance nordestino sobre a Amazônia, editado em 1921, no Rio de Janeiro. É um romance violento, escrito em linguagem áspera, podendo mesmo ser considerado o mais violento e áspero dos romances nordestinos sobre a Amazônia. A exaltação erótica é uma das tônicas da obra. Por outro lado, a sombra da Malásia já se projeta ameaçadora aí, como prenúncio da supremacia do Oriente na produção da borracha, de modo que *Deserdados*, encarado sob este aspecto, é o romance da decadência da economia gomífera na Amazônia.

Carlos Dias Fernandes, escritor paraibano que viveu durante certo tempo em Belém, evoca no seu romance *Fretana* esse período de vivência na capital paraense. Ligado à corrente política então dominante, põe em relevo a figura do chefe dessa corrente, o então intendente Antônio Lemos, focalizando inclusive o incêndio do seu jornal. Trata-se de um romance autobiográfico, editado em 1936, no Rio de Janeiro. Durante sua estada em Belém, publicou aqui um livro de poesia intitulado *Vanitas Vanitatum*, com data de 1906.

Deve ser lembrado também José Potyguara, com o livro de contos *Sapopema* e o romance *Terra Caída*, ambos publicados no Rio de Janeiro. No romance, o patetismo da ação se acha simbolizado no próprio título, em virtude do efeito dramático que ele sugere. "O mais impressionante — diz o romancista na cena final — é que essa tristeza da terra contamina também as pessoas, pela desilusão, deixando as almas arrasadas como terras-caídas."

Eis, portanto, alguns exemplos de como a Amazônia se projetou também literariamente no Nordeste, a ponto de motivar um ciclo na literatura daquela região. Isto sem falar nos escritores de origem nordestina que se integraram lite-

rariamente à Amazônia, como Alberto Rangel (pernambucano), Peregrino Júnior (potiguar), e outros mais. Por isso e pelo que já vimos, a Amazônia atuou e influenciou no Nordeste de vários modos, atuação e influência que se fez sentir como: a) estímulo migratório; b) fator de mobilidade social; c) fonte de prosperidade; d) centro de influências lingüísticas e folclóricas; e) motivo ou inspiração literária. Tudo isso em função da borracha, como já salientamos acima, embora outras influências possam ser apontadas, independente disso.